

FACULDADES SÃO JOSÉ
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PÂMELA ALVES DE ALBUQUERQUE
RAQUEL DA SILVA SANTOS LOPES
VIVIANE MIRANDA

A MULHER NA PROFISSÃO CONTÁBIL

Rio de Janeiro
2017

A MULHER NA PROFISSÃO CONTÁBIL

THE WOMAN IN THE ACCOUNTING PROFESSION

Pâmela Alves de Albuquerque
Raquel da Silva Santos Lopes
Graduandas em Ciências Contábeis

Viviane Miranda
Mestre em Contabilidade

RESUMO

O Objetivo geral dessa pesquisa é analisar a participação da mulher no universo contábil, verificando os limitadores e facilitadores para a sua ação no mercado de trabalho. Apontar o crescimento das mulheres contabilistas no mercado de trabalho, Relatar as principais funções e cargos conquistados e discutir os principais dificultadores que a mulher contabilista se depara no exercício.

Palavras-chave: Mulher, Contabilidade, Profissão.

ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze the participation of women in the accounting universe, checking the limiters and facilitators for their action in the labor market. Aiming the growth of women accountants in the labor market, Report the main roles and positions achieved and discuss the main obstacles that the woman accountant faces in the exercise.

Key-words: Woman, Accounting, Profession.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, iremos analisar a evolução do crescimento da mulher no mercado contabilista.

Dados mostram que o crescimento feminino na profissão contábil vem aumentando nas últimas décadas e a tendência é continuar nessa crescente, tendo em vista que nos cursos de ciências contábeis existe um grande número de estudantes do sexo feminino. Um exemplo é uma pesquisa do CFC - Conselho Federal de Contabilidade (2016), onde ilustrou que as contadoras já representam 42% dos profissionais em todo país.

Segundo Marcelo dos Santos (2016) a mulher contadora vem se mostrando cada vez mais preparada, engajada e focada no desenvolvimento de competências para liderar instituições de classes, departamento de contabilidade e empresas contábeis. Com isso, elas trazem uma nova maneira de gestão fortalecendo o mercado contábil e valorizando o trabalho da classe.

Contudo, a mulher tem que manter uma habilidade de conciliar sua vida profissional com a pessoal, principalmente quando já é casada e com filhos. Devido a essa dupla jornada, será analisado se a mulher sofre o preconceito de não conseguir conciliar a vida pessoal, e o acompanhamento profissional que a área exige.

A pesquisa foi realizada com a pretensão de que esse estudo traga a reflexão a novas profissionais interessadas na área, e as motivem a ingressar na carreira, tendo como modelo as posturas assumidas por aquelas que já se encontram inseridas nesse mercado, verificando os limitadores e facilitadores para a sua ação no mercado de trabalho.

O presente projeto justifica-se em razão da atualidade do tema, bem como pela relevância social que proporcionará os resultados da futura pesquisa. O tema abrangerá todo esforço que a mulher vem a anos lutando por reconhecimento e oportunidade no mercado de trabalho, buscando assim entender sobre a sua posição e estabelecer relações entre gêneros na área contábil.

Apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- Apontar o crescimento das mulheres contabilistas no mercado de trabalho;
- Relatar as principais funções e cargos conquistados;
- Discutir os principais dificultadores que a mulher contabilista se depara no exercício da profissão contábil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Silva (2004), a presença da mulher no mercado de trabalho é cada vez mais expressiva e isso se deve também a crescente participação da mulher na profissão contábil.

Criou-se, a Lei nº 7353, em 29 de agosto de 1985, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, com a finalidade de promover, em âmbito nacional, políticas que visem a eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País. (BRASIL, 1985).

Segundo Sanches (2004), Fazer parte de um grande contingente de trabalhadoras com escolaridade crescente e experiência de trabalho, não garantiu até este momento tratamento igualitário para as mulheres no mercado de trabalho, embora essas condições venham lentamente se modificando. As mulheres ganham menos e estão desempregadas em maior proporção do que os homens. As diferenças de rendimentos não dependem do grau de formalização da atividade, função ou cargo exercido, ou do nível de escolaridade.

As funções assumidas pelas mulheres e sistemas que fazem aumentar o salário e benefícios sociais com a antiguidade no emprego contribuem ainda mais para alargar a diferença salarial entre homens e mulheres. Principalmente as mães que na maioria das vezes enfrentam responsabilidades familiares adicionais sofrem uma redução

significativa nos rendimentos, contribuindo para uma diferença negativa salarial associada à maternidade e a um prêmio à paternidade.

Através da evolução dos tempos modernos as mulheres conquistaram seu espaço. Elas vêm conseguindo emprego com mais facilidade e seus rendimentos crescem a um ritmo mais acelerado que os homens. Mesmo com toda sua evolução no mercado de trabalho ainda existe preconceito e discriminação e também desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Aqui no Brasil, em 1950, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) afirma que as mulheres representavam apenas 4,3% dos trabalhadores da área. Mas de lá para cá muita coisa mudou, e em 2014 elas já eram quase a metade dessa força de trabalho.

De acordo com Lucélia Lecheta (Presidente do conselho regional do Paraná), o futuro é de mais mulheres contadoras do que homens. Para ela, as mulheres são mais cuidadosas e esse modo de agir é muito importante, principalmente “neste momento de crise econômica e moral que o país passa”. Afinal, a figura do contador é peça importante na hora de escândalos de corrupção e também para evitar que isso aconteça nas empresas.

Também é apontada pela presidente do IFAC - Olivia Kirtley, a formação como indispensável para a mulher no mercado contábil. Segundo Kirtley, a dificuldade de ascensão na carreira é um dos maiores desafios. “O numero de mulheres em cargos de liderança não corresponde ao número de mulheres na carreira”. Estudos mostram que as mulheres querem ser mais preparadas que seus colegas homens antes de assumir um cargo de liderança. As mulheres precisam se arriscar mais e estarem dispostas a competir com os homens pelas promoções.

As mulheres aumentaram sua participação no mercado de trabalho, enquanto que aumentou a taxa dos homens considerados inativos, sobretudo na faixa de 16 a 29 anos.

Na área contábil não é diferente, conforme publicação nosite do CFC (Conselho Federal de Contabilidade - 2016), em 2004 as mulheres representavam 35% dos profissionais, e hoje são quase metade com 42,5%.

Segundo a conselheira do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), integrante de grupos técnicos do CFC e professora da UFPI, Gardênia Maria de Carvalho, o

crescimento é resultado da mudança social vivida pelo País. “Hoje a mulher vem ocupando mais espaços em diversas áreas e não é diferente com a contabilidade”. Outro fator importante para o aumento de mulheres é a valorização da carreira contábil.

“A contabilidade desempenha um papel cada vez mais estratégico nas organizações, além de ser apontada pelas empresas de recursos humanos como a carreira mais promissora nos dois últimos anos. Isto leva a uma procura maior pela profissão e as mulheres acabam atraídas”, afirma Gardênia.

Existem poucos trabalhos na área sobre a temática, embora os estudos possam auxiliar na compreensão dos principais motivos para a desigualdade de gênero na carreira contábil.

CORPO DO TRABALHO/DESENVOLVIMENTO

A luta pela mulher no mercado de trabalho já existia desde o século 19, com muita discriminação. Elas trabalhavam em condições muito inferiores, ganhavam bem menos e trabalhavam bem mais que os homens naquela época. Porém, essa discriminação era tanta, que 130 tecelãs que trabalhavam em uma fábrica em Nova York resolveram fazer uma paralisação em 08 de março de 1857, e por esse ato, foram trancadas e queimadas vivas dentro da própria fábrica em que trabalhavam apenas pelo fato de reivindicarem diminuição da carga horária que eram 16 horas para 10 horas, melhores condições na área de trabalho e salários compatíveis aos dos homens.

Em 1911, uma nova greve em 25 de março terminou com a morte de 146 pessoas (mais de 100 mulheres) em um incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist Company.

Tais acontecimentos acima ajudaram a instituir o março como mês da mulher e o dia 8 como o Dia Internacional da Mulher, mesmo sem relatos e documentos que comprovem o ocorrido em 1857.

Depois disso através da primeira guerra mundial (1914-1918) ocorreram mais protestos em todo o mundo. Em 08 de março de 1917, quando aproximadamente 90 mil operárias manifestaram-se contra o Czar Nicolau II, as más condições de trabalho, a fome e a participação russa na guerra (em um protesto conhecido como "Pão e Paz") que se consagrou a data, embora tenha sido oficializada como Dia Internacional da Mulher, apenas em 1921.

Após as I e II guerras mundiais, foi se consolidando a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

No Brasil, os direitos trabalhistas femininos ganharam corpo no governo do presidente Getúlio Vargas. Com a reforma da constituição, acontecida em 1932, as mulheres brasileiras ganharam os mesmos direitos trabalhistas que os homens, conquistaram o direito ao voto e a cargos políticos do executivo e do legislativo.

Criou-se, a Lei nº 7353, em 29 de agosto de 1985, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, com a finalidade de promover, em âmbito nacional, políticas que visem a eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País. (BRASIL, 1985).

O artigo 4º da referida lei apresenta os seguintes objetivos:

- a) Formular diretrizes e promover políticas em todos os níveis da administração pública direta e indireta, visando à eliminação das discriminações que atingem a mulher;
- b) prestar assessoria ao Poder Executivo, emitindo pareceres e acompanhando a elaboração e execução de programas de Governo no âmbito federal, estadual e municipal, nas questões que atingem a mulher, com vistas à defesa de suas necessidades e de seus direitos;
- c) estimular, apoiar e desenvolver o estudo e o debate da condição da mulher brasileira, bem como propor medidas de Governo, objetivando eliminar todas as formas de discriminação identificadas;

- d) sugerir ao Presidente da República a elaboração de projetos de lei que visem a assegurar os direitos da mulher, assim como a eliminar a legislação de conteúdo discriminatório;
- e) fiscalizar e exigir o cumprimento da legislação que assegura os direitos da mulher;
- f) promover intercâmbio e firmar convênios com organismos nacionais e estrangeiros, públicos ou particulares, com o objetivo de programar políticas e programas do Conselho;
- g) receber e examinar denúncias relativas à discriminação da mulher e encaminhá-las aos órgãos competentes, exigindo providências efetivas;
- h) manter canais permanentes de relação com o movimento de mulheres, apoiando o desenvolvimento das atividades dos grupos autônomos, sem interferir no conteúdo e orientação de suas atividades; i) desenvolver programas e projetos em diferentes áreas de atuação, no sentido de eliminar a discriminação, incentivando a participação social e política da mulher. (BRASIL, 1985).

As funções assumidas pelas mulheres e sistemas que fazem aumentar o salário e benefícios sociais com a antiguidade no emprego contribuem ainda mais para alargar a diferença salarial entre homens e mulheres. Principalmente as mães que na maioria das vezes enfrentam responsabilidades familiares adicionais sofrem uma redução significativa nos rendimentos, contribuindo para uma diferença negativa salarial associada à maternidade e a um prêmio à paternidade. Políticas para promover a melhor partilha de responsabilidades também podem ajudar a reduzir as diferenças salariais entre homens e mulheres.

Através da evolução dos tempos modernos as mulheres conquistaram seu espaço. Elas vêm conseguindo emprego com mais facilidade e seus rendimentos crescem a um ritmo mais acelerado que os homens. Mesmo com toda sua evolução no mercado de trabalho ainda existe preconceito e discriminação e também desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Na última década, o Brasil alcançou importantes conquistas em relação à promoção da igualdade de gênero das mulheres. Como exemplo deste avanço, em 2003 foi criado, com status ministerial, a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Desde então, mais de 600 mecanismos de mulheres estaduais e municipais foram criados em todo o país. Conferências Nacionais para a formulação participativa e revisão dos Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres e Políticas de Promoção da Igualdade Racial (PNPM e PLANAPPIR, respectivamente) foram organizados a cada três ou quatro anos, com o envolvimento de centenas de milhares de mulheres e homens. Em 2010, o povo brasileiro elegeu, pela primeira vez, uma mulher como presidente, cuja popularidade atingiu níveis recordes.

Art. 5º da Constituição Federal de 88, Inciso I diz:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Aqui no Brasil, em 1950, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) afirma que as mulheres representavam apenas 4,3% dos trabalhadores da área. Mas de lá para cá muita coisa mudou, e em 2014 elas já eram quase a metade dessa força de trabalho. O grande destaque deste levantamento foi o estado do Amazonas, no qual as mulheres contadoras constituíam 51,1% do total registrado, tanto no nível técnico quanto no superior. O estado que ficou na lanterna, com menor número de mulheres contadoras, foi Goiás, que totalizou 36,1% de registros femininos.

De acordo com Lucélia Lecheta (Presidente do conselho regional do Paraná), o futuro é de mais mulheres contadoras do que homens, já que existem mais estudantes matriculados em ciências contábeis com o sexo feminino.

Segundo Lucélia, as mulheres são mais cuidadosas e esse modo de agir é muito importante, principalmente “neste momento de crise econômica e moral que o país passa”. Afinal, a figura do contador é peça importante na hora de escândalos de corrupção e também para evitar que isso aconteça nas empresas.

Já para a sócia da CV Consult Liliane Veinert, a participação feminina não é mais um tabu “em algum momento se dizia q a sensibilidade feminina era um problema para a carreira, hoje não, é até considerada uma aliada. O que o mercado exige é competência”, diz ela.

Também é apontada pela presidente do IFAC a formação como indispensável para a mulher no mercado contábil. Segundo Kirtley, a dificuldade de ascensão na carreira é um dos maiores desafios. “O numero de mulheres em cargos de liderança não corresponde ao número de mulheres na carreira”. Estudos mostram que as mulheres querem ser mais preparadas que seus colegas homens antes de assumir um cargo de liderança. As mulheres precisam se arriscar mais e estarem dispostas a competir com os homens pelas promoções.

Mulheres importantes na profissão

- Maria Divina Nogueira Sanches foi primeira mulher a obter o registro junto ao Conselho Regional de Contabilidade em Minas Gerais (CRC/MG), como Bacharel em Ciências Contábeis, em 1947 na cidade de Belo Horizonte;
- Cecília Akemi Kobata Chinem, foi a primeira mulher mestre e a primeira a se titular como doutora em contabilidade em 1986 pela Universidade de São Paulo;
- Maria Clara Bugarim, com mais de vinte anos de experiência na profissão de contadora, foi eleita a primeira mulher presidente do Conselho Federal de Contabilidade em 2006, ficando lá por dois mandatos;

Maria Clara além de contadora de profissão é graduada em administração de empresas e em direito, e pós-graduada em Auditoria e em Administração de Recursos Humanos. Mestre em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Exerceu com maestria cargos nunca antes exercido por mulheres como Auditora Geral do Estado de Alagoas, Diretora Financeira do Instituto de Previdência do Estado de Alagoas (IPASEAL), Secretária de Assistência Social do Município de Santana do Mundaú (AL), Presidente da Associação dos Servidores do IPASEAL – ASSIPASEAL, Conselheira Fiscal do Banco do Estado de Alagoas, Conselheira Fiscal da Algás, Conselheira Fiscal da Sergasa, Técnica de Controle Externo do Tribunal de Contas do Estado de Alagoas, Empresária Contábil, Assessora Pedagógica e Professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Vice-presidente de Assuntos Institucionais e de Alianças do Instituto da Cidadania Fiscal (ICF).

- Márcia Alcazar, coordenadora da Comissão Nacional Jovem Contabilista e vice-presidente de Desenvolvimento Profissional do CRC SP;
Contadora, MBA em Gestão Executiva Internacional pela Fundação Instituto de Administração da Universidade de São Paulo (FIA-USP), empresária contábil e de Sistemas Integrados de Gestão, membro do Programa de Gestão e Contabilidade (PGC) da Fundação Brasileira de Contabilidade, Especialista em Contabilidade para Empresas sem Finalidade Lucrativa (NBCTG 2002) e PME (NBCTG 1000,) MBA em Gestão Executiva (FBC), conselheira da Professional Women Networking Brasil (PWN), membro do Conselho do Setor de Serviços da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), Vice-presidente de Fiscalização, Ética e Disciplina do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo (CRCSP).
- Vitória Maria da Silva, presidente do CRC/RJ;

Vitória Maria foi a primeira mulher a presidir o Sindicato dos Contabilistas do Município do Rio de Janeiro. Contadora, graduada em Serviço Social, e pós-graduada em Contabilidade Empresarial e Gestão Financeira, atuou por 38 anos na área privada, até assumir o cargo de presidente do Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro, órgão do qual foi vice-presidente de 2010 a 2013.

- Diva Maria de Oliveira Gesualdi

Contadora, Administradora e Filósofa, Especialista em Gestão Financeira e em Contabilidade Empresarial, Vice-Presidente de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional do CRC/RJ (2007 a 2009), Membro da Academia Brasileira de Ciências Contábeis, Diretora de Operações da Fundação Brasileira de Contabilidade (2006 a 2009), Diretora do Sindicato dos Contabilistas do Município do Rio de Janeiro (2006 a 2009), Docente da Graduação em Ciências Contábeis das seguintes Instituições: Univercidade e Moraes Junior Mackenzie, Docente do MBA de Perícia Contábil na Universidade Cândido Mendes.

Contadoras na atualidade

A presença da mulher na área contábil tem se tornado foco de inúmeros programas direcionados a esse público. No Rio de Janeiro aconteceu o primeiro encontro nacional da mulher contabilista, que ainda é promovido até hoje.

O encontro tem como objetivo promover o aprimoramento técnico-cultural com incentivo a participação das contabilistas em vida social ou política do País.

Nele é destacada a importância da mulher no contexto social, além de motivá-las ao empreendedorismo.

A cada edição, o encontro cresce e conquista um público mais numeroso. O primeiro evento foi no Rio de Janeiro-RJ (1991), passando por Salvador-BA (1992), Maceió-AL (1999), Belo Horizonte-MG (2003), Aracaju-SE (2005), Florianópolis-SC (2007), Vitória-ES (2009), Caldas Novas-GO (2011), Santos – SP (2013), Foz do Iguaçu-PR (2015) e com agendamento para acontecer em Gramado-RS em 2017. A proposta de discutir temas contábeis e de interesse geral, com enfoque principal no universo feminino, consolidou-se entre a classe e conquistou espaço cativo no calendário de eventos contábeis.

Márcia Ruiz aceitou uma entrevista ao grupo DPG (Empresa privada de consultoria de marketing digital e desenvolvimento web), e respondeu sobre algumas perguntas sobre o futuro e a mulher contabilista.

Segundo Márcia, a situação das profissionais contábeis registradas tem a realidade de que o número de mulheres exercendo a profissão contábil, como contadoras ou técnicas, cresceu 83,94% na última década, enquanto o número de homens cresceu 28,08%. Se os números seguirem a mesma tendência dos últimos dez anos, em 2025 o número de contadoras será maior em pelo menos 1,44% e em 2034 teremos mais mulheres do que homens na profissão.

O quadro seguinte nos mostra como está o desenvolvimento desde 2004 até 2016.

PROFISSIONAIS E ORGANIZAÇÕES ATIVOS NOS CONSELHOS REGIONAIS DE CONTABILIDADE									
POSIÇÃO ANUAL EM 02 DE JUNHO DE 2016									
ANO	CONTADOR				TÉCNICO EM CONTABILIDADE				TOTAL GERAL
	MASCULINO		FEMININO		MASCULINO		FEMININO		
2004	104.978		61.692		131.846		60.503		359.019
2005	115.512	10,03%	74.291	20,42%	134.847	2,28%	65.679	8,55%	390.329
2006	119.846	3,75%	79.825	7,45%	129.975	-3,61%	64.942	-1,12%	394.588
2007	123.173	2,78%	82.551	3,41%	129.026	-0,73%	64.588	-0,55%	399.338
2008	127.594	3,59%	85.433	3,49%	128.292	-0,57%	64.234	-0,55%	405.553
2009	130.239	2,07%	88.797	3,94%	127.268	-0,80%	64.307	0,11%	410.611
2010	161.850	24,27%	130.540	47,01%	129.877	2,05%	73.317	14,01%	495.584
2011	161.064	-0,49%	129.144	-1,07%	126.403	-2,67%	71.116	-3,00%	487.727
2012	162.928	1,16%	129.758	0,48%	123.718	-2,12%	69.094	-2,84%	485.498
2013	168.573	3,46%	135.669	4,56%	121.640	-1,68%	68.070	-1,48%	493.952
2014	174.819	3,71%	142.469	5,01%	121.827	0,15%	69.383	1,93%	508.498
2016	182.608	4,46%	153.500	7,74%	120.706	-0,92%	71.265	2,71%	528.079

Márcia também foi questionada, sobre a luta da mulher conquistar a igualdade de cargos e salários entre homens e mulheres:

“Deveriam ser adotados os mesmos critérios de promoção, independente de gênero. É uma triste realidade, mas constata-se ainda que mulheres tendem a ser mais exigidas, comprovar experiência de fato, enquanto que os homens muitas vezes são promovidos por apresentarem um potencial futuro de desenvolvimento pessoal. Talvez por isso que hoje o mercado de trabalho conta com uma participação maior das mulheres nos cursos de formação, pós-graduação e especializações. No mercado de trabalho contábil observa-se que as mulheres tem mais êxito no exame de suficiência do que os homens. Quando tratamos do tema igualdade de gêneros, você empodera uma mulher, quando todas as

mulheres e homens são tratados de forma justa no trabalho, respeita e apoia os direitos humanos e a não discriminação.
Marcia Ruiz Alcazar

A figura do contador, já faz tempo que deixou de ser de um homem com mais idade atrás de uma mesa com vários papéis, profissionalmente, esse perfil caiu por terra.

Hoje, já não se trata mais de uma questão de gênero, mas de qualidade de serviço, e há a tendência que a presença feminina seja crescente”, diz o vice-presidente do CFC.

A pesquisa anual publicada pelo Fórum Econômico Mundial, aponta que o Brasil levaria 95 anos pra atingir igualdade de gêneros no Brasil. O país ficou na 79ª posição no ranking global de 2016 da organização sobre o tema. Em 2015, havia ficado na 85ª posição.

As brasileiras têm um desempenho melhor que os brasileiros nos indicadores de saúde e educação, mas ainda enfrentam acentuada discrepância em representatividade política e paridade econômica, destaca o relatório.

Na elaboração do ranking, são levadas em consideração estatísticas de 144 países, que avaliam as condições enfrentadas por mulheres nas áreas de saúde, educação, paridade econômica e participação política.

SaadiaZahidi, chefe para iniciativas de gênero e emprego do Fórum WEF, explica que é necessário adotar estratégias pragmáticas que promovam a inclusão das mulheres no mercado de trabalho bem remunerado e na política. “Para mudar isso, é necessário uma abordagem consciente, do ponto de vista econômico, para o aproveitamento desses talentos. Já temos mais mulheres se graduando na universidade do que homens, não se trata do futuro, isso já é o presente. Precisamos agora empregar essa força produtivamente”, afirma.

O SNIG (Sistema Nacional de Informações de Gênero), que faz parte do Programa de Estatísticas de Gênero no IBGE, publicou em 2014 o livro “Estatísticas de Gênero – Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010”. A publicação apresenta e analisa dados os censitários de 2000 e 2010 a partir de indicadores de desigualdades de gênero, combinada a desigualdades de raça/etnia, idade, local de moradia (rural e urbano) e classes de rendimento.

Nesta mesma pesquisa do SNIG, em 2010 as mulheres ativas representavam 54,6% do mercado de trabalho na área de serviços, enquanto 75,7 são representados pelos homens. Comparado a 2000, a taxa de atividade das mulheres cresceu em 4,5 pontos percentuais e a dos homens reduziu em 4 pontos, aponta.

A REPeC (Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade - 2015) afirma que o desempenho das mulheres nas instituições de ensino superior se mostrou acima dos homens: 77,15% das alunas concluíram o curso contra 66,14% dos alunos.

Podemos considerar um avanço na quantidade de mulheres praticantes na profissão, e indo mais além, com qualificação que obtiverem, poderão assumir cargos que antes eram majoritariamente masculinos. Buscamos em um futuro próximo, que o sexo feminino possa ser maioria no segmento contábil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos nesta pesquisa, as conclusões que chegamos de como a mulher não só já se destacou, mas também continua em sua crescente conquista de espaço e igualdade, quebrando paradigmas, vencendo preconceitos, superando seus limites, ocupando seu lugar na sociedade e fazendo a diferença no mercado de trabalho. Conquistando o espaço também de liderança, e mostrando que são capazes de responsabilidades antes não desenvolvidas por mulheres.

Mostramos que a mulher é tão profissional e competente quanto o homem, já que são capazes até de superá-los no exercício de algumas funções pertinentes à contabilidade.

Esperamos que um dia não se tenha mais dificuldades, mas sempre haverá desafios e mostraremos que o sucesso profissional e a realização pessoal são possíveis, assim com a conciliação entre filhos, marido e carreira. Com inteligência e persistência, a mulher gradativamente vem ultrapassando obstáculos e ocupando cada vez mais o mercado de trabalho em todos os setores.

REFERÊNCIAS

ALCAZAR, Márcia. 31-10-2016. Disponível em: <http://grupodpg.com.br/contabilidade-do-futuro-e-mulher-contabilista/>, Acesso em: 12-11-2016.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.353 de 29 de Agosto de 1985. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Jose Sarney, Fernando Lyra. Brasília, 29 de Agosto de 1985.

BUGARIM, Maria. Disponível em:
http://www.portalcfc.org.br/o_conselho/presidentes/presidente.php?id=3916. Acesso em: 30-10-2016.

CARLOS, Francisco. 15-04-2016. Disponível em:
<http://www.cienciascontabeis.com.br/desafios-mulher-contabilista/>. Acesso em: 30-08-2016.

CFC. (2013). Domínio das contadoras. 04-09-2014 – Conselho Federal de Contabilidade: <http://www.portalcfc.org.br/noticia.php?new=11646>. Acesso em: 16-11-2016.

CFC. (2014). Quantos Somos. 23-05-2014– Conselho Federal de Contabilidade: <http://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=0>. Acesso em: 16-11-2016.

CUNHA, Carolina. 20-09-2013. Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/direitos-femininos-uma-luta-por-igualdade-e-direitos-civis.htm>. Acesso em: 01-10-2016.

DANIEL, Garrido. 27-02-2014. Disponível em:
<http://www.portalcfc.org.br/noticia.php?new=12792>. Acesso em: 28-10-2016.

DINIZ, Flavia. 07-03-2014. Disponível em: <http://www.mundorh.com.br/a-mulher-e-dupla-jornada/>. Acesso em: 03-09-2016.

GESUALDI, Diva. 27-10-2016. Disponível em: <http://www.escavador.com/sobre/6147387/diva-maria-de-oliveira-gesualdi>. Acesso em: 10-10-2016.

JORNAL DO BRASIL. Mercado contábil é promissor para as mulheres. Rio de Janeiro, 22 mai 2017 .

MARIANA, Machado. Disponível em: <http://jmmconsultoria.com/index.php/noticias/233-por-que-8-de-marco-e-o-dia-internacional-da-mulher>. Acesso em: 03-11-2016.

PANHOCA, Luiz. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/rcc/article/view/18301/12258>. Acesso em: 20-11-2016.

Radio Contabilidade: Quase 50% dos contadores são mulheres. 11-08-2015. Disponível em: <http://www.jornalcontabil.com.br/radio-contabilidade-quase-50-dos-contadores-sao-mulheres/>. Acesso em 22-11-2016.

SANTOS, Marcelo. 07-03-2016. Disponível em: <http://contaazul.com/contabilidade/blog/mulher-contabilista-mercado-contabil/>. Acesso em: 20-09-2016.

Seteco. 22-03-2016. Disponível em: <http://www.seteco.com.br/marcia-alcazar-a-empossada-vice-presidente-do-crc-sp/>. Acesso em: 25-10-2016.

SANCHES, Solange. 2003. As mulheres no mercado de trabalho brasileiro (p. 50). Acesso em: 27/11/2016.

SILVA. 2004. Disponível em: <http://www.falnatal.com.br>. Acesso em: 27/11/2016.